



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v22i00.8677651>


Artigo Original

Sangue, lágrimas e suor: um exame de virilidade no muay thai brasileiro

Blood, tears and sweat: an examination of manhood in brazilian muay thai

Sangre, lágrimas y sudor: un examen de la virilidad en el muay thai brasileño

Ivo Lopes Muller Junior¹ 

André Mendes Capraro¹ 

RESUMO

Introdução: O Muay Thai foi instituído no Brasil por Nélio Naja em 1978. **Objetivo:** analisar as narrativas orais dos mestres pioneiros do Muay Thai no Brasil sobre a realização dos exames de faixas entre 1978 e 1985, período liderado por Nélio Naja. **Metodologia:** empregada foi a história oral, focando em entrevistas com esses mestres e na análise de fontes documentais. **Resultados e discussões:** Os achados principais indicam que o Muay Thai, inicialmente um híbrido de diferentes artes marciais, foi adaptado ao contexto brasileiro, com a criação de um sistema de graduações inspirado no Taekwondo. Nélio Naja desempenhou um papel central na introdução e difusão da modalidade no país. Os primeiros exames de faixa enfatizavam a bravura, a resistência e a virilidade, com a exigência de que os praticantes suportassem dificuldades físicas para serem graduados. **Considerações finais:** A regulamentação oficial pelo Conselho Nacional de Desportes e a mudança dos critérios de avaliação, de aspectos viris para técnicos, foram fundamentais para a consolidação do Muay Thai no Brasil, além de facilitar a inclusão de praticantes de diferentes perfis, contribuindo para um ambiente mais diverso e acolhedor.

Palavras-chave: Muay thai. Entrevistas como assunto. Violência. Artes marciais.

¹ Universidade Federal do Paraná. Departamento de Educação Física. Curitiba-PR, Brasil.

Correspondência:

Ivo Lopes Müller Júnior. UFP/Departamento de Educação Física, Avenida Coronel Francisco Heráclito dos Santos, 100, Caixa Postal 19061, Jardim das Américas, Curitiba – PR. CEP 81531-980. Email: ivojunior11@yahoo.com.br



ABSTRACT

Introduction: Muay Thai was established in Brazil by Nélio Naja in 1978. **Objective:** To analyze the oral narratives of the pioneering masters of Muay Thai in Brazil about the examinations of belts between 1978 and 1985, a period led by Nélio Naja. **Methodology:** Oral history was used, focusing on interviews with these masters and the analysis of documentary sources. **Results and discussions:** The main findings indicate that Muay Thai, initially a hybrid of different martial arts, was adapted to the Brazilian context, with the creation of a grading system inspired by Taekwondo. Nélio Naja played a central role in introducing and spreading the sport in the country. The first belt exams emphasized bravery, endurance and virility, with the requirement that practitioners endure physical hardships in order to be graded. **Final considerations:** The official regulation by the National Sports Council and the change in evaluation criteria, from viral to technical aspects, were fundamental to the consolidation of Muay Thai in Brazil, as well as facilitating the inclusion of practitioners of different profiles, contributing to a more diverse and welcoming environment.

Keywords: Muay Thai. Interviews as topic. Violence. Martial arts.

RESUMEN

Introducción: El Muay Thai fue establecido en Brasil por Nélio Naja en 1978. **Objetivo:** analizar los relatos orales de los maestros pioneros del Muay Thai en Brasil sobre sus exámenes de cinturón entre 1978 y 1985, período dirigido por Nélio Naja. **Metodología:** Se utilizó la historia oral, centrándose en entrevistas con estos maestros y analizando fuentes documentales. **Resultados y discusión:** Los principales resultados indican que el Muay Thai, inicialmente un híbrido de diferentes artes marciales, se adaptó al contexto brasileño, con la creación de un sistema de clasificación inspirado en el Taekwondo. Nélio Naja desempeñó un papel fundamental en la introducción y difusión de este deporte en el país. Los primeros exámenes de cinturón hacían hincapié en la valentía, la resistencia y la virilidad, con la exigencia de que los practicantes soportasen penurias físicas para ser calificados. **Consideraciones finales:** La reglamentación oficial por parte del Consejo Nacional de Deportes y el cambio en los criterios de evaluación, de aspectos virales a técnicos, fueron fundamentales para la consolidación del Muay Thai en Brasil, además de facilitar la inclusión de practicantes de diferentes perfiles, contribuyendo a un ambiente más diverso y acogedor.

Palabras Clave: Muay thai. Interviews as topic. Violencia. Artes marciales.

INTRODUÇÃO

O Muay Thai é considerado um dos principais produtos de exportação cultural da Tailândia (Vail, 2014). Conhecido como a "arte das oito armas", essa modalidade envolve golpes aplicados com cotovelos, joelhos, canelas e punhos (Mookdarsanit; Mookdarsanit, 2018). A modalidade ganhou notoriedade ao demonstrar sua agressividade em eventos de destaque no *Mixed Martial Arts* (MMA), como o *Pride Fight Championship* e o *Ultimate Fighting Championship* (UFC) a partir da década de 1990 (Bolelli, 2016). Devido à sua eficiência e apelo comercial, o Muay Thai, apresentado tanto como esporte quanto como arte marcial, passou a ser praticado em centenas de países, frequentemente ignorando seus fundamentos culturais, linguísticos, representativos e espirituais (Henry, 2013).

No Brasil, o Muay Thai foi introduzido por Nélio Borges de Souza, conhecido como Nélio Naja, que liderou a modalidade entre os anos de 1978 e 1985. Em 1985 Nélio Naja optou por trabalhar como minerador em Serra Pelada – PA, deixando a modalidade sob a liderança de Wellington Narany e Flávio Molina no Rio de Janeiro e Rudimar Fedrigo no Paraná (Müller Júnior, Capraro, 2020a).

O carioca Nélio Naja se graduou faixa preta em Taekwondo, treinando no Rio de Janeiro com o mestre Woo Jae Lee em 1976. Posteriormente, migrou para Curitiba, onde começou a ministrar aulas de Taekwondo. Diante da falta de alunos e com a chegada do mestre coreano Hong Soon Kang na cidade, Nélio Naja adaptou as técnicas orientais do Taekwondo, criando o Muay Thai brasileiro em 1978 (Müller Júnior; Vargas; Capraro, 2021). Inicialmente, a modalidade foi chamada de Boxe Tailandês e rapidamente se difundiu para o Rio de Janeiro e São Paulo (Alves; Mariano, 2007). Utilizando o Taekwondo como referência, Nélio Naja elaborou um sistema de graduações para o Muay Thai, utilizando cores inspiradas na bandeira da Tailândia. Esse sistema consistia em sete graduações coloridas (faixas), iniciando pela branca, branca/vermelha, vermelha, vermelha/azul, azul, azul/preta e, finalmente, preta (Müller Júnior; Capraro, 2020c).

Durante o período de introdução e disseminação do Muay Thai no Brasil, os exames de faixa eram conduzidos exclusivamente por Nélio Naja, sendo compostos por uma rigorosa avaliação física e técnica. Entre as atividades avaliadas, destacavam-se o "tudê" — uma série de movimentos simulados contra um oponente imaginário, similar ao kata no caratê — o quebramento de telhas e o combate. Nas duas primeiras faixas, os alunos deveriam dominar chutes oriundos do Taekwondo. A partir da terceira graduação cotoveladas e joelhadas. Ao alcançarem a faixa azul, os praticantes enfrentavam dois adversários simultaneamente e demonstravam técnicas de defesa pessoal com armas, além de quebrar telhas com chutes e socos (Passos *et al.*, 2014; Müller Júnior; Capraro, 2020b).

Além da avaliação física e técnica, esses exames de faixa no Muay Thai brasileiro desempenhavam um papel central na construção da identidade dos praticantes. Como aponta Wacquant (2002), esportes de combate e artes marciais são espaços de socialização nos quais o corpo é moldado para refletir virtudes como disciplina, hierarquia e domínio. No Brasil, sob a liderança de Nélio Naja, essas virtudes se alinhavam com ideais de virilidade, tornando os exames de faixa não apenas um teste de habilidade, mas um rito simbólico entre os praticantes.

As pesquisas relacionadas às artes marciais e aos esportes de combate estão em ascensão no meio acadêmico, mas o Muay Thai ainda é um campo incipiente de estudo, com foco predominante nas áreas das Ciências Biológicas e da Saúde (Müller Júnior; Capraro, 2024). Ao consultar o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), constatou-se que, das oito pesquisas relacionadas ao Muay Thai, apenas duas pertencem à área sociocultural. Müller Júnior (2020) explora aspectos históricos da inserção e disseminação do Muay Thai no Brasil, enquanto Ferreira (2023) analisa a participação e permanência de mulheres nas aulas de Muay Thai em uma academia de Porto Alegre. Em relação aos artigos científicos, Lima (2021) verificou a produção acadêmica brasileira sobre o Muay Thai, dos 19 artigos encontrados, apenas dois abordavam a temática gênero, destes nenhum relacionado a masculinidade.

De acordo com Connell (2005), a masculinidade não é uma categoria fixa, mas um conjunto de práticas moldadas e modificadas ao longo do tempo. Ela se manifesta nas ações e nas interações sociais dos homens, em vez de ser um conceito estático. Quando permeada por normas hegemônicas, a masculinidade adota comportamentos socialmente aceitos, reforçando a ideia de que quanto mais alinhado o homem estiver com o padrão dominante, maior será seu poder e status dentro da sociedade (Bowman, 2020).

Em termos de relevância acadêmica e prática, este estudo preenche lacunas significativas na literatura sobre artes marciais e esportes de combate ao destacar o papel central dos rituais de graduação na formação de identidades masculinas. Ele oferece uma contribuição valiosa para o campo da Educação Física, ao fornecer *insights* sobre como esses rituais não apenas desenvolvem habilidades técnicas, mas também moldam a identidade dos praticantes. Além disso, a pesquisa dialoga com questões contemporâneas de gênero, explorando como as masculinidades são construídas e reforçadas nos contextos das artes marciais e esportes de combate.

Conceitualmente, faz-se necessário esclarecer as distinções entre lutas, artes marciais e esportes de combate. As lutas são práticas corporais imprevisíveis que envolvem o confronto físico entre duas ou mais pessoas, podendo ser ou não reguladas por regras (Gomes, 2008). As artes marciais, por sua vez, abrangem não apenas a prática física — com ou sem o uso de armas —, mas também tradições filosóficas, espirituais e culturais (Müller Júnior; Capraro, 2023). Já os

esportes de combate são a transposição de práticas de luta para sistemas organizados, com competições regulamentadas por normas codificadas e institucionalizadas. Nesses esportes, o foco recai sobre a maximização do desempenho físico e a espetacularização do movimento corporal (Correia; Franchini, 2010). O Muay Thai brasileiro situa-se na interseção desses conceitos.

Sob a liderança de Nélio Naja, o Muay Thai foi instituído como arte marcial, e seus exames de faixa tornaram-se rituais que transcendiam o aspecto físico, incorporando valores sociais e culturais, como a virilidade. Após o afastamento voluntário de Nélio Naja em 1985, a modalidade passou por um processo de esportivização. Nesse sentido, este estudo visa analisar as narrativas orais dos mestres pioneiros do Muay Thai no Brasil sobre os exames de faixa realizados entre 1978 e 1985, período em que Nélio Naja liderava a prática.

MÉTODO

O estudo adotou a história oral híbrida, que combina entrevistas com documentos iconográficos e escritos (Meihy; Holanda, 2015). Alberti (2013) ressalta que essa interação gera novos documentos, capazes de enriquecer e esclarecer as fontes originais. Desse modo, o estudo combina métodos historiográficos tradicionais com a valorização das experiências dos entrevistados, recuperando memórias e relatos que enriquecem o entendimento sobre o desenvolvimento do Muay Thai no Brasil.

No campo da história oral, é amplamente aceito entre os historiadores que é fundamental compreender os conceitos de memória e identidade. A memória desempenha um papel crucial na construção da narrativa e da identidade, tanto individual quanto coletiva. Nesse contexto, observa que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante no sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992, p. 204).

Antes de iniciar uma pesquisa de história oral, o pesquisador deve aprofundar seu conhecimento sobre o tema e os principais envolvidos, o que possibilita formular perguntas mais eficazes e interpretar as respostas com maior precisão. Essa preparação evita análises superficiais e auxilia na identificação de nuances nas narrativas. Além disso, esse entendimento prévio permite confrontar as informações das entrevistas com outras fontes documentais, enriquecendo a análise e tornando o estudo mais sólido e detalhado (Alberti, 2013).

A pesquisa² começou com a leitura de Guia Artes Marciais - Muay Thai: Boxe Tailandês (Alves; Mariano, 2018) e Diamante: A História de Luiz Alves (Reis; Rodrigues, 2018), que abordam o início do Muay Thai no Brasil, mas sem aprofundar os detalhes dos exames de graduação realizados por Nélio Naja. Em seguida, realizou-se uma busca por artigos científicos nas plataformas Scopus e Scielo utilizando os termos "Muay Thai", "Boxe Tailandês" e "Nélio Naja", dos 56 artigos encontrados, Passos et. al (2014) e Müller Júnior e Capraro (2020b) abordavam de forma superficial os exames de graduações realizados por Nélio Naja. Além disso, foi utilizado a busca por recortes de jornais na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), utilizando os termos supracitados e o recorte temporal 1970-1979 e 1980-1989 que englobam o período em que Nélio Naja realizou esses exames de graduações. Verificou-se que das 37 notícias encontradas, apenas o Correio Brasiliense (1988), apresentou informações relevantes sobre a temática.

Na sequência foi realizado a escolha dos entrevistados, baseada na lista dos primeiros faixas pretas listados no site da Confederação Brasileira de Muay Thai (CBMT)³. Utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: 1) ter participado dos exames de faixa conduzidos por Nélio Naja; 2) estar ministrando aulas de Muay Thai. Dos 23 mestres presentes na lista, organizada por ordem de formação, 16 se enquadravam nos critérios de inclusão, destes apenas 10 concordaram em participar da pesquisa.

Entre 2019 e 2024, foram realizadas dez entrevistas temáticas presenciais (Quadro 1), com todos os participantes assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e autorizando a divulgação de seus nomes. Conforme Meihy e Holanda (2015), as entrevistas temáticas são guiadas por questões centrais baseadas em um roteiro semiestruturado, permitindo flexibilidade para que os entrevistados compartilhem suas experiências de forma aberta. Essa abordagem possibilita ao entrevistador ajustar as perguntas em tempo real, com base nas respostas fornecidas, enriquecendo o conteúdo das entrevistas. O roteiro da entrevista foi elaborado com base na trajetória histórica da modalidade e na relevância de suas práticas culturais, explorando elementos-chave da identidade, tradição e evolução do Muay Thai brasileiro.

O grupo pesquisado pertence majoritariamente à classe média, com todos residindo em áreas de alto poder aquisitivo nas cidades onde moram. Além de estarem empregados, a maioria é proprietária de academias. Todos os entrevistados possuem filhos e se identificam como homens, sendo 7 casados e 3 divorciados. Optou-se por utilizar o critério de autoidentificação de gênero, respeitando as posições e identidades dos participantes, o que proporciona um

² Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH, registrado no Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) sob o número de registro 51225615.5.0000.5540.

³ Disponível em: <https://cbmt.com.br/mestres-e-professores>.

entendimento mais fiel das suas experiências a partir de suas próprias perspectivas.

Quadro 1 - Entrevistados

| Nome ⁴ | Cidade | Faixa preta (ano) | Idade ⁵ | Raça/Cor | Ano da entrevista | Duração |
|---|----------------|-------------------|--------------------|----------|-------------------|---------|
| Álvaro de Aguiar Filho | São Paulo | 1984 | 61 | Branca | 2019 | 1h55 |
| Augusto Cesar Cunha | Rio de Janeiro | 1986 | 63 | Branca | 2019 | 1h33 |
| Edinei Carlos Pedroso | Curitiba | 1992 | 58 | Branca | 2019 | 1h12 |
| Fábio Seuchi Noguchi | Curitiba | 1985 | 56 | Branca | 2023 | 1h43 |
| Júlio Cesar de Souza Regueira | Rio de Janeiro | 1984 | 58 | Branca | 2019 | 2h03 |
| Paulo Nikolay de Souza | São Paulo | 1984 | 62 | Branca | 2019 | 1h16 |
| Reginaldo "China" Moreira | Curitiba | 1981 | 63 | Branca | 2019 | 1h06 |
| Rudimar Fedrigo | Curitiba | 1984 | 61 | Branca | 2024 | 1h43 |
| Sandro Roberto B. Lustosa | Rio de Janeiro | 1989 | 58 | Branca | 2019 | 2h16 |
| Wellington Narany L. da Silva | Rio de Janeiro | 1979 | 64 | Branca | 2019 | 1h54 |

- **Álvaro de Aguiar**, originalmente professor de Hapkido, migrou para o Muay Thai em 1982, tornando-se um pioneiro da modalidade em São Paulo.
- **Augusto Cunha**, vindo do Taekwondo, treinou Muay Thai com Nélio Naja no Rio de Janeiro.
- **Edinei Pedroso** vivenciou a transição dos exames de faixa em Curitiba.
- **Fábio Noguchi**, após treinar em Curitiba, viajou ao Rio de Janeiro para realizar seu exame de faixa preta.
- **Júlio Cesar Regueira** treinou com Nélio Naja tanto no Rio de Janeiro quanto em Curitiba.
- **Paulo Nikolay**, originalmente professor de Taekwondo, ajudou a expandir o Muay Thai em São Paulo junto com Álvaro de Aguiar.
- **Reginaldo "China"** foi o primeiro faixa preta formado em Curitiba.
- **Rudimar Fedrigo** foi o primeiro a se desvincular de Nélio Naja, fundando a academia Chute Boxe em Curitiba, onde desenvolveu uma metodologia própria de ensino.
- **Sandro Lustosa** participou da primeira excursão de instrutores de Taekwondo do Rio de Janeiro a Curitiba, com o objetivo de aprender Muay Thai diretamente com Nélio Naja.
- **Wellington Narany**, o primeiro faixa preta formado por Nélio Naja, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do Muay Thai no Rio de Janeiro, ajudando a estabelecer a modalidade e organizando os primeiros exames de faixa e torneios interestaduais.

⁴ O nome em negrito, representa a forma como será referida a narrativa do entrevistado.

⁵ Idade apresentada em setembro de 2024.

Após cada entrevista, foi seguido o processo de "processamento", de acordo com os princípios delineados por Alberti (2013). Este processo incluiu a transcrição do conteúdo oral para formato escrito, a verificação da fidelidade da transcrição e a edição do texto para torná-lo mais claro e acessível ao leitor. Após a transcrição, o texto foi devolvido aos entrevistados, que tiveram um prazo de 15 dias para solicitar ajustes, caso houvesse alguma informação que desejassem alterar, antes do início da análise final, conforme as recomendações de Alberti (2013).

A análise dos dados foi conduzida por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016). As transcrições foram categorizadas e comparadas com informações previamente encontradas em outros tipos de fonte, visando identificar padrões de narrativa e temas recorrentes relacionados à construção da masculinidade e aos exames de graduação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Jigoro Kano foi um dos principais responsáveis pela criação e institucionalização de um sistema de graduação nas artes marciais e esportes de combate. Em 1882, ele fundou o Kodokan, onde começou a desenvolver o Judô (Trusz, 2020). A necessidade de estruturar competições e a abordagem pedagógica criada por Kano geraram a demanda por um sistema de graduação que classificasse os alunos e atletas em diferentes níveis técnicos. O sistema de graduação por faixas, introduzido por Kano, influenciou diversas outras modalidades, como Aikidô, Kendo, Karate, Kung Fu, Taekwondo, Jiu-Jitsu, e também o Muay Thai brasileiro. Nesse sistema, os praticantes começavam com a faixa branca, progrediam por faixas coloridas e alcançavam a faixa preta.

Nélio Naja, que praticava Taekwondo na década de 1970, já estava familiarizado com esse sistema de graduação, o que facilitou sua adaptação para o Muay Thai. De acordo com Fábio Noguchi, em 1979, Nélio Naja realizou o primeiro exame de faixa em Curitiba, concedendo as primeiras graduações a seus alunos mais dedicados (Noguchi, 2023, informação verbal).

Durante uma viagem ao Rio de Janeiro em 1979, Nélio Naja conheceu o faixa preta de Taekwondo Wellington Narany, a quem apresentou o Muay Thai, convidando-o para treinar em Curitiba. Narany aceitou e passou um mês treinando, recebendo o certificado de faixa preta (Reis; Rodrigues, 2018; Müller Júnior; Vargas; Capraro, 2021). Narany tornou-se o primeiro faixa preta de Nélio Naja em 17 de maio de 1979 (Müller Júnior; Capraro, 2020a). Flávio Molina, faixa preta de Taekwondo e sócio de Narany, seguiu o mesmo caminho e recebeu a faixa preta em 18 de agosto de 1980 (Reis; Almeida, 2018). Segundo Cynarski (2019), alcançar a faixa preta exige anos de experiência e domínio físico e mental.

A pós o grupo de instrutores formado no Rio de Janeiro, Nélio Naja reforçou a importância de os alunos seguirem todas as graduações, conforme o modelo de Curitiba (Regueira, 2019, informação verbal). Em 1982 o Muay Thai chegou a São Paulo, com Álvaro de Aguiar, faixa preta de Hapkido, e Paulo Nikolay, faixa preta de Taekwondo, ensinando a modalidade e realizando exames de faixa sob as orientações de Naja.

Segundo Fábio Noguchi, corroborado por Reginaldo China e Edinei Pedroso, o perfil dos praticantes de Muay Thai que treinavam com Nélio Naja (1978-1985) era majoritariamente composto por adolescentes e jovens do sexo masculino, com idades entre 15 e 30 anos. Os treinos eram extenuantes, e aqueles que não estavam acostumados a exercícios físicos intensos não permaneciam na academia (Noguchi, 2023; Moreira, 2019; Pedroso, 2019, informação verbal). Nessa época, prevalecia um dos mitos mais populares entre os lutadores: a crença de que "*fighters are born, not made*" (lutadores nascem, não são criados) (Wacquant, 2004). Essa ideia de que bons lutadores nascem prontos, com um espírito guerreiro nato, afastou muitos praticantes. Contudo, Bowman (2019) destaca a importância das pesquisas científicas e dos efeitos mensuráveis do treinamento como contraponto a esse mito, ressaltando que os lutadores são arduamente construídos.

Nesse contexto, o Muay Thai era promovido como um meio de fortalecer corpo e espírito, preparando os jovens para suas responsabilidades masculinas, como o serviço militar (Baubérot, 2013). A adolescência, caracterizada pela necessidade de provar coragem e obter aceitação, deu origem a rituais em torno de atos heroicos (Pinnock; Douglas-Hamilton, 1997), como os exames de faixa do Muay Thai brasileiro que priorizavam características associadas à masculinidade e virilidade, como força física, resiliência, coragem, determinação e disciplina, reforçando a identidade masculina dentro da comunidade. Para Bourdieu (2017), esses "exames" de masculinidade impunham uma vigilância constante sobre as emoções, gestos e o corpo, intensificando a competição entre os homens e reforçando as normas sociais de virilidade e força.

O autor supracitado, compreende a virilidade como:

[...] uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (Bourdieu, 2017, p. 67).

Nesse contexto, para que um indivíduo seja visto como homem na sociedade contemporânea, ele deve reprimir emoções associadas ao feminino, como medo, insegurança, passividade, ternura, entre outros (Connell, 2005; Bowman, 2020). Isso reflete uma necessidade de aderir a comportamentos de força e domínio, muitas vezes ligados à violência exacerbada, como os exames de faixa realizados por Nélio Naja. A construção da masculinidade, portanto, envolve constantes jogos

de honra, onde sentimentos considerados "fracos" são suprimidos em favor de uma postura de controle, reafirmando o papel da força física e emocional como características masculinas essenciais (Lacerda *et al.*, 2021).

Quando questionados sobre a presença de homossexuais nos treinos e exames de faixa, todos os entrevistados afirmaram desconhecer a participação desses praticantes. Fabio Noguchi enfatizou essa ausência, bem como a baixa presença de mulheres na época. Ele explicou que a prática exigia força física significativa, o que fazia com que poucas mulheres participassem, "no máximo duas ou três" (Noguchi, 2019, informação verbal). Essa realidade reflete uma visão social que associa masculinidade à força, enquanto mulheres e homossexuais são frequentemente vistos como frágeis e submissos. No entanto, estudiosos de gênero (Connell; Pearse, 2017; Devide *et al.*, 2011) mostram que comportamentos masculinos e femininos não estão vinculados à orientação sexual. Ao realizar uma pesquisa etnográfica com mulheres praticantes de Muay Thai na cidade de Porto Alegre, Ferreira (2023) constatou que ainda persiste a relação de dor, cansaço e risco de lesão relacionados às diferenças de gênero nas aulas de Muay Thai. As alunas podem expressar suas experiências, mas são incentivadas a não se render à dor e ao cansaço. Além disso, o grau de agressividade nos treinos muitas vezes resulta em uma pressão para que mulheres sejam mais contundentes em seus treinos de combate, o que pode levar a um maior risco de lesões.

Ainda em relação aos exames de faixas, os entrevistados relataram que o rito de passagem começava com uma avaliação física intensa, marcada por exercícios de caráter militar. A repetição constante dessas práticas não apenas moldava corpos considerados ideais, mas também ajudava a construir uma masculinidade alicerçada na capacidade de suportar a dor, reforçando símbolos de honra e virilidade (Wacquant, 2002; Vigarello, 2013). Nesse processo, a resistência física e emocional tornava-se um dos componentes centrais, destacando a força e o controle como aspectos essenciais da identidade masculina dos praticantes.

Da mesma forma, os entrevistados relataram que, durante os exames de faixa, não havia divisão por categorias de peso, permitindo combates entre alunos de pesos muito distintos, como 60 kg contra adversários de 80 ou 90 kg. Nos níveis mais avançados, o aspirante enfrentava dois oponentes ao mesmo tempo. Nesse contexto, a força física era apenas um dos fatores importantes; os lutadores precisavam demonstrar resiliência e capacidade de reprimir qualquer sinal de fraqueza. Isso reforçava uma virilidade fundamentada na violência (Haroche, 2013).

Reginaldo China, um dos primeiros alunos formados por Nélio Naja em Curitiba, compartilhou uma experiência significativa em sua trajetória. Após competir no primeiro torneio interestadual em 1981, ainda estava se recuperando

de algumas lesões quando foi surpreendido com a convocação para seu exame de faixa preta. Ele relatou:

Eu tive que lutar com dois pesos pesados por três rounds, fazer todo o tudê, toda a movimentação com bastão e facão. Eles sabiam que eu estava lesionado. Naquela perna machucada foi onde mais me batiam, levei seis chutes direto na perna. Eles não refrescavam não, vinham para cima e para graduar tinha que apanhar. No último round levei uma pancada muito forte e tive que parar. Fui graduado faixa preta devido a minha bravura e dedicação" (Reginaldo China, 2019, informação verbal).

Ao demonstrar ser um lutador destemido, capaz de confrontar o medo, suportar a dor e enfrentar o risco de lesões severas, Reginaldo China mostrou possuir todas as qualidades viris necessárias para ser considerado um faixa preta, conquistando o respeito de seus colegas (Audoin-Rouzeau, 2013; Vigarello, 2013). Esse exemplo reflete a forma como a identidade social de um indivíduo é moldada em um contexto cultural específico, absorvendo normas e valores próprios. No Muay Thai, características como agressividade, resistência e virilidade idealizadas por Nélio Naja, reforçam uma masculinidade hegemônica. Segundo Bourdieu (2017), essas normas orientam a forma como o sujeito se reconhece socialmente.

De maneira similar, Sandro Lustosa (2019, informação verbal) relembra seu exame de faixa preta realizado no Rio de Janeiro, como um processo extenuante, que começou com uma corrida na praia, subidas nas escadarias do estádio das Laranjeiras, barra fixa e flexões. Após o intenso desgaste físico, os alunos ainda tinham de executar técnicas específicas e, por fim, enfrentar o combate contra dois oponentes. Essas exigências fortaleciam tanto o corpo quanto a mente, destacando a resiliência física e mental. Esse processo de superação pessoal era fundamental para validar a masculinidade naquele contexto, onde resistência e coragem eram amplamente valorizadas. Segundo Bourdieu (2017), essa busca por superar limites reforça a dominação masculina, ao naturalizar a violência e a resistência física como atributos "viris". Sandro Lustosa, já faixa preta de Taekwondo na época, comparou os exames:

[...] O exame de faixa no Taekwondo era muito mais complexo tecnicamente, era avaliado uma maior variedade de posições do que o de Muay Thai. O de Muay Thai era mais combate e uma prova de equilíbrio emocional também (Lustosa, 2019, informação verbal).

Augusto Cunha (2019, informação verbal), outro pioneiro dos exames de faixa no Rio de Janeiro, relatou ter sofrido uma grave lesão durante seu exame para faixa preta. Enquanto enfrentava dois adversários simultâneos, recebeu um forte chute giratório no rosto, aplicado por um atleta que mais tarde se tornaria lutador do UFC. A força do golpe resultou no deslocamento de sua retina, o que o impediu de continuar competindo. Após a lesão, Cunha passou a dedicar-se exclusivamente ao ensino, abandonando as competições.

Conforme narrado por Welington Narany, Rudimar Fedrigo, Sandro Lustosa e Paulo Nikolay, os exames de faixa no Muay Thai eram intensamente desafiadores e competitivos, principalmente devido à ausência de torneios e eventos onde os praticantes pudessem canalizar sua agressividade (Fedrigo, 2024; Lustosa, 2019; Narany, 2019; Nikolay, 2019, informação verbal). Lustosa enfatizou que esses exames eram movidos unicamente pela paixão pela arte marcial e a busca por honra, sem recompensas financeiras (Lustosa, 2019, informação verbal). Enquanto Paulo Nikolay destacou o orgulho dos alunos em usar uma faixa colorida, símbolo de mérito e reconhecimento conquistado (Nikolay, 2019, informação verbal). Estudos, como o de Silva e Almeida (2021), reforçam essa visão ao destacar que práticas como o rugby entre homens criam um ambiente que valoriza a competitividade e a força em detrimento da expressão emocional, refletindo uma dinâmica similar à legitimação da masculinidade em ambientes *fitness* (Silva; Garcia; Pereira, 2024).

Nesse contexto, Rudimar Fedrigo, corroborado por Welington Narany, destacou que a difusão do Muay Thai exigiu "muito sangue, lágrimas e suor"(Narany, 2019; Fedrigo, 2024, informação verbal). Ao utilizar essa expressão, os entrevistados evidenciam um elemento central na identidade dos praticantes e divulgadores do Muay Thai, simbolizando a dedicação necessária para alcançar o sucesso e a legitimação, reforçando os valores de resistência, perseverança e sacrifício que caracterizam esse grupo. Segundo Candau (2011), a memória dessas experiências difíceis e sacrificiais se torna parte integrante da identidade do grupo, sendo transmitida e reforçada ao longo do tempo. Essas lembranças de esforço e sacrifício não só ajudam a consolidar a coesão interna do grupo, mas também servem como um marcador de distinção e pertencimento.

Valores como disciplina, perseverança, comprometimento e a busca pela superação pessoal são essenciais nas artes marciais, onde o treinamento físico e mental é rigoroso e exige dedicação contínua. Portanto, ao utilizarem a expressão "sangue, lágrimas e suor", os entrevistados não apenas destacam a importância desses valores no contexto das artes marciais, mas também reforçam a identidade coletiva dos praticantes de Muay Thai. Essa identificação com a coragem, determinação e resiliência, como mencionado por Candau (2011), solidifica a coesão interna do grupo e serve como um marcador de distinção e pertencimento, transmitido e reforçado ao longo do tempo.

Álvaro de Aguiar, um dos pioneiros na introdução do Muay Thai em São Paulo, passou um período treinando e competindo nos Estados Unidos da América (EUA) durante a década de 1980. Ele observou que, ao contrário do Brasil, não havia um sistema de graduação formalizado nos EUA; os atletas profissionais se tornavam treinadores com base em suas experiências. Em suas palavras, ele destacou a importância de Nélio Naja e de todos que acreditaram nesse sistema de graduação: "Foi por meio de Nélio Naja e de todos que acreditaram neste

sistema de graduação, que pudemos evoluir e ainda continuamos evoluindo". Em um tom de desabafo, ele acrescentou:

"[...] não importa como nós começamos, mas fomos os primeiros a pôr a cara para bater e, graças aos pioneiros, a modalidade chegou aonde está hoje. Muitos falam que aquilo não era Muay Thai, não importa. Vocês que estão falando que aquilo não era Muay Thai não estavam presentes. E muitos continuam hoje aqui. Naquela época o Muay Thai estava engatinhando, a gente foi corajoso de enfrentar tudo isso, criamos o Muay Thai da nossa forma, aprendemos do nada e até hoje estamos aprendendo e vamos aprender a vida toda" (Aguiar, 2019, informação verbal).

O relato de Álvaro de Aguiar sobre a falta de um sistema de graduação nos EUA, em contraste com o Brasil, ressalta a visão pioneira de Nélio Naja. Sua crença e dedicação em estabelecer um sistema de graduação no país demonstram sua capacidade de prever a necessidade de uma estrutura que reconhecesse e promovesse o crescimento dos praticantes. Sob essa nova liderança, a modalidade foi institucionalizada, com ênfase nos aspectos de esporte de combate, aproximando-se da forma como era praticada na Tailândia (Müller Júnior; Capraro, 2020c).

Em 1988, após a padronização das regras e a reformulação dos exames de graduação, o Conselho Nacional de Desportos brasileiro reconheceu o Muay Thai como modalidade esportiva (Correio Brasiliense, 1988). As faixas foram substituídas pelo prajied, e os exames de graduação passaram a valorizar mais a técnica e a segurança dos praticantes, ao invés de focar apenas nos aspectos de virilidade.

Na Tailândia, o Muay Thai é tradicionalmente ensinado em campos de treinamento conhecidos como "*camps*" ou "ginásios". Com o objetivo de reconhecer o progresso dos praticantes e oferecer metas para seu aprimoramento contínuo, a *International Federation of Muay Thai Amador* (IFMA) adotou um sistema próprio de graduações no início do século XXI (Stepanov; Demin; Putilin, 2020). No entanto, é importante destacar que o sistema de graduação no Muay Thai não é tão formalizado quanto em outras artes marciais, como o Judô ou o Taekwondo, e pode variar entre diferentes academias, regiões e federações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as narrativas orais dos mestres pioneiros do Muay Thai no Brasil sobre a realização dos exames de faixas entre 1978 e 1985, período marcado pela liderança de Nélio Naja na modalidade. Verificou-se que O Muay Thai praticado no Brasil no final da década de 1970 era uma modalidade híbrida, que combinava elementos do Taekwondo, Boxe e defesa pessoal. Esse formato inicial permitiu uma rápida disseminação pelo país, em grande parte por meio do esforço

de Nélio Naja, amplamente reconhecido como o introdutor do Muay Thai no Brasil. Nélio Naja desenvolveu um sistema de graduação inspirado no sistema de faixas do Taekwondo, sua modalidade de origem, e transmitiu suas adaptações aos primeiros faixas pretas nos estados do Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo, recrutando professores oriundos do Taekwondo e Hapkido.

Para acelerar a disseminação da modalidade, os primeiros faixas pretas foram graduados em um curto período. Com a estrutura estabelecida, os exames de faixas passaram a ser realizados em cada estado, seguindo um rigoroso processo que incluía provas de resistência física, avaliações técnicas e combate. Os praticantes precisavam demonstrar força, coragem e resiliência ao enfrentar múltiplos adversários simultaneamente, características indispensáveis para se alcançar a faixa preta. O discurso dos praticantes frequentemente mencionava termos como "sangue, lágrimas e suor", que simbolizava determinação e coragem diante de adversidades.

Os exames de faixa tornaram-se rituais que não apenas avaliavam os movimentos técnicos, mas também perpetuavam normas sociais que exaltavam a força masculina. Essa masculinidade, em sua expressão hegemônica, estava entrelaçada com questões de poder e hierarquia no crescimento das artes marciais. Assim, o Muay Thai moldava a identidade marcial dos praticantes, contribuindo para uma visão específica do que significa ser homem em um ambiente de luta e competição.

Essa construção cultural, centrada na masculinidade hegemônica, limitava a participação de mulheres, frequentemente vistas como incapazes, e possivelmente marginalizava homossexuais, reforçando preconceitos e excluindo-os do ambiente das artes marciais. O mito do guerreiro imbatível predominou no Muay Thai brasileiro até o afastamento de Nélio Naja e a regulamentação da modalidade pelo Conselho Nacional de Desporto. Esse marco provocou uma transformação identitária, com federações e confederações redefinindo o foco das graduações, substituindo a ênfase na virilidade por uma avaliação técnica mais alinhada ao estilo tailandês.

A evolução do Muay Thai no Brasil reflete uma adaptação que preserva o espírito combativo da modalidade, enquanto promove uma estrutura organizacional voltada para a técnica, a segurança e o progresso contínuo dos praticantes. Essa transformação cultural permitiu que o Muay Thai brasileiro se afastasse gradualmente dos princípios viris iniciais, focando em avaliações técnicas mais apuradas e na inclusão de praticantes de diferentes perfis, contribuindo para um ambiente mais diverso e acolhedor.

Pesquisas que exploram o desenvolvimento e a difusão das artes marciais e esportes de combate são fundamentais, pois permitem identificar os fatores que contribuíram para o avanço dessas práticas. Contudo, é importante destacar que

o presente estudo focou especificamente no contexto do Muay Thai no Brasil. Nesse sentido, recomenda-se a realização de novos estudos que abordem a institucionalização dos sistemas de graduações em outras modalidades, como Aikidô, Hapkido, Krav Maga, Kendo, Karatê, Kung Fu, Taekwondo, Judô, Capoeira e Jiu-Jitsu, entre outras.

FINANCIAMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

A autoria não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria declara que todos participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Ivo Lopes Muller Junior - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

André Mendes Capraro - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALVES, Luiz; MARIANO, Artur. *Muay Tai – Boxe Tailandês*. São Paulo: Editora On Line, 2007.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? *In: CORBIN Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: A Virilidade Em Crise. Século XX-XXI, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 239-268.*
- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições, 2016.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. *In: CORBIN Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: A Virilidade Em Crise. Século XX-XXI, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189-220.*
- BOLELLI, Daniele. How gladiatorial movies and martial arts cinema influenced the development of The Ultimate Fighting Championship. *JOMEK Journal, Cardiff, v. 5, n. 1, p. 1-18, 2014.*
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- BOWMAN, Paul. *Deconstructing Martial Arts*. Cardiff: Cardiff University, 2019.
- BOWMAN, Paul. In toxic hating masculinity: MMA hard men and media representation, *Sport in History, Illinois, v. 40, n. 3, p. 395-410, 2020.*
- CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero, uma perspectiva global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo*. São Paulo: nVersos, 2017.
- CONNELL, Robert William. *Masculinities*. Abingdon: Routledge, 2005.
- CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz - Revista de Educação Física, São Paulo, p. 01-09, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n1p01/2707>. Acesso em: 20 ago. 2024.*
- CORREIO BRASILIENSE. *CND reconhece o boxe tailandês*. Brasília, 12 dez. 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_03&pasta=ano%20198&pesq=BOXE%20TAILAND%C3%8AS. Acesso em: 20 ago. 2024.
- CYNARSKI, Wojciech. *Martial Arts & Combat Sports: Towards the General Theory of Fighting Arts*. Gdańsk: Wydawnictwo Naukowe Katedra. 2019.
- DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERREIRA, Renato Callado; SAINT-CLAIR Emerson; NERY, Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na educação física Brasileira. *Motriz – Revista de Educação Física, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>. Acesso em: 20 ago. 2024.*

FERREIRA, Carla da Silva. *Mulheres praticantes de Muay Thai numa academia de rede: estudo etnográfico numa perspectiva configuracional*. 2023. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/274391>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GOMES, Mariana Simões Pimentel. *Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas: contextos e possibilidades*. 2008. 139 p. Dissertação (mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: A Virilidade Em Crise*. Século XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 268-301.

HENRY, Michael. *Development of a Muay Thai enthusiast: An Interpretation of Alfred North Whitehead's Theory of Learning*. 2013. 127 f. Tese (Doutorado em Educação) - University of Saskatchewan, Saskatchewan, 2013.

LACERDA, Eugênia; SILVA, Francisca Islândia Cardoso; IWAMOTO, Thiago Camargo; NOGUEIRA, Júlia; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira. Corporeidades e masculinidades em construção: experiências de homens com a core energetics. *Corpoconsciência*, Santo André, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51283/rc.v25i2.11466>. Acesso em: 20 ago. 2024.

LIMA, Vinicius Vieira. *A produção acadêmica sobre o Muay Thai*. 2021. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, DOCTUM, Serra, 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe; Holanda, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MOOKDARSANIT, Pakpoom; MOOKDARSANIT, Lawankorn. A Content-based Image Retrieval of Muay-Thai Folklores by Salient Region Matching. *International Journal of Applied Computer Technology and Information Systems*, Cairo, v. 7, n. 2, 2018.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. M. "Ele mesmo contou isso": Nélío Naja, a produção de um mito. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, e26049, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.99251>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. Uma identidade guerreira forjada "à base" das joelhadas e cotoveladas: as narrativas dos primeiros mestres do muay thai brasileiro. *Revista de Artes Marciales Asiáticas (RAMA)*, León, v. 15, n. 1, p. 22-33, 2020b. Disponível em: <http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/artesmarciales>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, André Mendes. Narrativas a respeito da institucionalização do Muay Thai no Brasil. *Research, Society and Development*, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 11, e81591110425, 2020c. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/10425/9379/143172>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes. *Memórias e tradições do Muay Thai – da Tailândia ao Brasil*. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

MÜLLER JÚNIOR, Ivo Lopes; VARGAS, Poline; CAPRARO, André Mendes. A disseminação do Muay Thai no Brasil: narrativas e memórias dos mestres pioneiros. *História Oral*, Rio

de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 69-88, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1181>. Acesso em: 20 ago. 2024.

JÚNIOR, Ivo Lopes; CAPRARO, Andre Mendes. Dialogando com os conceitos lutas, artes marciais, esportes de combate (e demais variações) na perspectiva da BNCC. *Revista Didática Sistemática*, Santa Maria, v. 25, n. 1, p. 99-111, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/rds.v25i1.14855>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MULLER-JUNIOR, Ivo L.; CAPRARO, Andre M. Profile of scientific publications on Muay Thai: An analysis based on Scopus and Web of Science databases (1998–2021). *Ido Movement for Culture - Journal of Martial Arts Anthropology*, Gdańsk, v. 24, n. 3, p. 32-43, 2024.

PASSOS, Daniella de Alencar; PRADO, Rodrigo Cribari; MARCHI JÚNIOR, Wanderley; CAPRARO, André Mendes. As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, 2014.

PINNOCK, Don; DOUGLAS-HAMILTON, Dudu. *Gangs, rituals & rites of passage*. Cape Town: African Sun Press with the Institute of Criminology, University of Cape Town, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 201-218, 1992.

REIS, Claudia; RODRIGUES, José Alberto. *Diamante: a história de Luiz Alves, lenda do Muay Thai e do MMA*, São Paulo: Forma & Conteúdo, 2018.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Masculinidades no esporte: o caso do rugby. *Movimento*, Porto Alegre, v. 26, p. e26041, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.94214>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Alan Camargo; GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Homens e masculinidades na comercialização de suplementos alimentares. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Cuiabá, v. 7, n. 22, 2024. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15585>. Acesso em: 20 ago. 2024.

STEPANOV, Yu; DEMIN, Iury; PUTILIN, Dominic. Muay thai in Russia: current state, prospects and problems of development. *Theory and Practice of Physical Culture*, Moscow, n. 3, p. 29-29, 2020. Disponível em: <https://www.teoriya.ru/en/node/11812>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TRUSZ, Rodrigo Augusto. Analysis of the book *Judo: path of medals*, by Alexandre Velly Nunes. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, Lión, v. 15, n. 2, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18002/rama.v15i2.6236>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VAIL, Peter. Muay Thai: inventing tradition for a national symbol. *SOJOURN: Journal of Social Issues in Southeast Asia*, Lahore, v. 29, n. 3, p. 509-553, 2014.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: In: CORBIN Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: A Virilidade Em Crise*. Século XX-XXI, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma - Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

Recebido em: 31 ago. 2024
Aprovado em: 10 out. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

